

DARCY RIBEIRO E A CULTURA POLÍTICA TRABALHISTA NO GOVERNO JOÃO GOULART (1961-1964)

CARDOSO JÚNIOR, E. F.¹; ROCHA, A. D.²

¹ Docente do IFNMG – Campus Avançado Porteirinha; ² Discente do Curso Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio do IFNMG – Campus Araçuaí

Palavras-chaves: História; Trabalhismo; Democracia; Ditadura.

Introdução

Investigamos a atuação político-intelectual do antropólogo e professor Darcy Ribeiro, com ênfase em seu engajamento trabalhista. Sua experiência como ministro-chefe do Gabinete Civil de João Goulart constitui nossa temática central. Reconstituindo-a, além de elucidar parte imprescindível, porém, pouco estudada de sua trajetória, buscamos compreender seu papel nas dinâmicas do governo e do trabalhismo. O cenário é a conjuntura política resultante no golpe militar de 1964, cujos principais aspectos também merecem nossa atenção.

Material e Métodos

A perspectiva teórico-metodológica que adotamos identifica-se à “nova” história política e, em especial, à categoria cultura política. Desta nos valem para conceituar o trabalhismo brasileiro como cultura política. Isto posto, perscrutamos práticas e comportamentos públicos de Darcy Ribeiro à luz de sua vinculação à cultura política trabalhista. Para reconstituir e analisar seus passos nesses “tempos de turbilhão” recorreremos, especialmente, a documentos do seu acervo pessoal, disponível no Memorial Darcy Ribeiro, situado na UnB, sob guarda da Fundação Darcy Ribeiro, a textos memorialísticos de sua autoria e a edições dos diários *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil* e *Última Hora*.

Resultados e discussão

Fiel e prestigiado auxiliar do presidente Jango, nomeado ministro-chefe do Gabinete Civil da presidência da República em 18 de junho de 1963, Darcy Ribeiro projeta-se de pronto no debate político por meio de diversos pronunciamentos e entrevistas oficiais. Ao mesmo tempo, nos bastidores do governo, atua com proeminência na elaboração de relevantes discursos presidenciais e documentos político-administrativos. Em regra, o observamos acionar, difundir e/ou conformar diretrizes político-ideológicas concernentes à pauta governista em sintonia com a cultura política trabalhista. Opera-a através de suas referências históricas, personagens, documentos, símbolos, valores e projetos a fim de obter legitimação político-social às reformas de base postuladas por Jango. Também recorre a aspectos político-culturais tradicionais, em conformidade à estratégia conciliatória priorizada pelo presidente. Ademais, Darcy Ribeiro vale-se de sua expertise acadêmico-científica, como intelectual das ciências humanas, para significar e impulsionar os objetivos políticos aos quais se dedica, apropriando-se do repertório fornecido pela cultura política trabalhista de maneira singular. Desse modo, o vislumbramos colaborar para o progressivo aprimoramento e ideologização dos discursos emitidos por Jango a partir de meados de 1963. E, por conseguinte, para a guinada à esquerda que caracteriza a estratégia final do chefe do executivo para pressionar o legislativo a aprovar seu programa reformista.

Darcy Ribeiro revela sua proeminência ao participar, com notoriedade, dos principais atos governistas: o *Comício e Mensagem das reformas*. O evento, palco em que João Goulart sela e publiciza sua aliança com as esquerdas e movimento sindical-popular em defesa do programa reformista. O documento, formaliza as reformas de base enquanto plataforma de governo do presidente junto ao Congresso. Com redação de Darcy Ribeiro, aciona elementos político-ideológicos por ele preconizados com destaque desde sua posse como ministro-chefe do Gabinete Civil e, por certo, referencia o peremptório discurso presidencial de 13 de março. Amizade e confiança recíprocas observadas entre Jango e Darcy Ribeiro, simbolizadas pela presença deste

junto ao mandatário no palanque do *Comício*, também sustentam nosso entendimento da atuação do professor como ideólogo especialmente influente do governo trabalhista.

O escopo documental em vista contém evidências convincentes da ingerência de Darcy Ribeiro na construção narrativa trabalhista característica do período presidencial de João Goulart, pós-reforma ministerial de junho de 1963. Revela-o apropriar-se de eventos históricos brasileiros marcantes, conferindo-lhes valor arquetípico, conforme interesses políticos governistas, sob mediação da cultura política trabalhista. Independência, abolição da escravidão, proclamação da República e promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) emergem como paradigmas de um método desejável e válido de ação política. A saber, superar ameaças ao desenvolvimento do país pacificamente, recorrendo-se à flexibilidade, diálogo, conciliação e consenso. Claro, a pretendida acomodação não prescinde de valores trabalhistas, devendo resultar na aprovação das reformas de base com vistas à modernização e desenvolvimento socialmente responsáveis em bases nacionalistas.

Devido à formação em ciências humanas que o singulariza em meio aos demais assessores presidenciais, Darcy Ribeiro parece-nos particularmente propenso a esse tipo de raciocínio de viés histórico. Posto que esse dispositivo estratégico e outros aparentemente engendrados pelo ministro-chefe do Gabinete Civil logo transpõe suas falas, passando às alocações de João Goulart e demais, entrevemos aí a atuação do antropólogo como fundamental ideólogo do governo trabalhista. Dessa maneira, acreditamos, ele se faz imprescindível à formulação da legitimidade de João Goulart e suas reformas estruturais através da introdução de importantes elementos ideológico-discursivos. Além dos supracitados, destacamos as noções de “agostada”, destinada a denunciar o golpismo dos adversários, e reforma agrária como “nova abolição” e/ou “abolição da terra”.

Considerações parciais

Concluimos que Darcy Ribeiro desempenha a função de proeminente ideólogo do governo trabalhista. Tal engajamento político-ideológico e fidelidade ao presidente motiva o professor a permanecer em seu cargo até o definitivo apagar das luzes democráticas. É o último ministro a abandonar o Palácio do Planalto, na madrugada de dois de abril de 1964. Consumando-se a vitória dos golpistas e o cerco persecutório aos integrantes do governo legítimo ilegalmente deposto, Darcy Ribeiro embarca para Montevidéu, onde inicia longo exílio (com passagens e atuação político-intelectual, além do Uruguai, pelo Chile, Venezuela e Perú).

Ao término da ditadura militar brasileira, sob a liderança de Leonel Brizola, o trabalhismo é reestruturado, com a reunião de seus expoentes ainda no exílio. Darcy Ribeiro desempenharia papel proeminente no resgate trabalhista. Engaja-se na reorganização do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), resultante no Partido Democrático Trabalhista (PDT), legenda que, por fim, abriga os petebistas históricos. É o 29º signatário da Carta de Lisboa, de 17 de junho de 1979, documento fundacional do programa político-ideológico que orienta o trabalhismo pós-redemocratização, o qual Darcy Ribeiro ajuda a redigir. Como pedetista, Darcy Ribeiro exerceria os cargos de vice-governador do Rio de Janeiro, durante o governo de Leonel Brizola (1983-1987), e senador (1991-1997), pelo mesmo estado, dentre outras diversas e numerosas atividades político-intelectuais. A longa relação de Darcy Ribeiro com o trabalhismo encontra raros paralelos, sendo o mais notório a trajetória política de Leonel Brizola.

Referências

BERSTEIN, Serge. A cultura política. *In.*: RIOUX & SIRINELLI (Orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1988. p. 349-363.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 1961 a 1964 (Biblioteca Nacional Digital/Hemeroteca Digital Brasileira – <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>).

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

FERREIRA, Jorge. **João Goulart: uma biografia**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Fundação Darcy Ribeiro (FUNDAR). **Memorial Darcy Ribeiro (MDR)**. Universidade de Brasília (UnB).

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 1961 a 1964 (Biblioteca Nacional Digital/Hemeroteca Digital Brasileira – <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>).

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o Golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **Confissões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ÚLTIMA HORA. Rio de Janeiro, 1961 a 1964 (Biblioteca Nacional Digital/Hemeroteca Digital Brasileira – <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>).